

***Cadeias Globais de Valor no capitalismo contemporâneo:  
Crítica e reconstrução a partir da ótica do ciclo do capital***

Rodrigo Emmanuel Santana Borges <sup>1</sup>

Resumo

O tema e o estudo de Cadeias Globais de Valor (CGV) ganhou projeção inequívoca, o que, interpretamos, ocorre de maneira importante por uma potencialidade específica: recuperar a 'ilusão do desenvolvimento' (cf. Arrighi) em um terreno mesoagregado, sujeito a poucas críticas frontais. Propõe-se crítica e reconstrução do objeto CGV, a partir de uma ótica marxista, o que permite, por um lado, desconstruir desde dentro a noção 'ingênua' de "upgrading", e, por outro, permite visualizar ciclos de capital a partir de uma perspectiva das mercadorias, sem perder a conexão com dimensões como a mundialização do capital e a financeirização, ou seja, com a conformação do mercado mundial contemporâneo em geral. Sugere-se essa abordagem como fundamento complementar para analisar a estrutura produtiva subjacente aos padrões de reprodução de capital regionais.

*Palavras-chave: cadeias globais de valor; ciclo do capital; padrão de reprodução do capital; teoria marxista da dependência*

***Global Value Chains in contemporary capitalism:  
Critique and reconstruction from the perspective of the circuit of capital***

Abstract

The theme and study of Global Value Chains (CGV) has gained unequivocal projection, which occurs, in an important way, because of a specific potentiality: to recover the 'illusion of development' (Arrighi) in a mesoaggregated terrain subject to relatively few frontal criticisms. We propose a critique and reconstruction of the CGV object from a Marxist perspective, which allows, on the one hand, to deconstruct from the inside the 'naive' notion of 'upgrading', and, on the other, to visualize capital circuits from a commodity point of view, without losing links with dimensions such as the globalization of capital and financialization, that is, with the conformation of the contemporary world market in general. This approach is suggested as a complementary basis for analyzing the productive structure underlying regional capital reproduction patterns.

*Keywords: global value chains; circuit of capital; capital reproduction patterns; marxist dependency theory*

---

<sup>1</sup> Doutor em Economia pela Universidad Complutense de Madrid. Professor Auxiliar da Universidade Federal de Goiás (UFG)

## 1 Introdução

Na última década do século passado, inaugurou-se a temática de Cadeias Globais de Valor (CGV). Desde então, multiplicaram-se os estudos nessa linha de perspectiva, avançaram-se conceitos, e, particularmente, cresceu o número e amplitude de estudos empíricos, de caso, sobre diversas cadeias notáveis no capitalismo contemporâneo (BAIR, 2009). Parte dessa fertilidade deu-se em decorrência da atratividade desse campo; atratividade, esta, fundada em várias de suas dimensões como linha de estudo.

Por um lado, tratar do ponto de vista de cadeias parecia uma forma particular e rica de abordar aspectos do fenômeno mais geral da globalização produtiva. Estudos de caso podiam trazer à luz relações específicas entre os diversos atores na cadeia, antes pouco estudadas comparativamente ao relacionamento tradicional ou hierárquico de internalização ou assimetria plena em favor das grandes Empresas Transnacionais (ET). A partir de um ponto de vista mais crítico, expor detalhadamente o que acontecia no processo de produção das mercadorias finais – em todo o movimento desde a extração da matéria-prima e primeiras etapas produtivas (muitas vezes em regiões periféricas) até a chegada ao consumo final (não raro em países centrais) – poderia se constituir em ferramenta desveladora do fetichismo da mercadoria.

Por outro lado, a quantidade de informações tornadas disponíveis, em ritmo exponencial nas últimas décadas, com mais detalhes, mais desagregados, conformaria indubitavelmente terreno fértil para abordagens mais micro-orientadas, e a ótica de CGV aparecia, por situar-se um nível intermediário, *mesoagregado*, apto a aproveitar a riqueza de detalhes sem perder totalmente uma perspectiva relacional ou mais sistêmica. Por fim, dentre as dimensões *de atratividade* que escolhemos destacar, o estudo das relações entre os atores, ou formas de *governança*, permitia abordar um caráter gerencialista sob um ângulo das cadeias globais de valor. Esse mapeamento não só se firmaria como extremamente valioso para gerentes e executivos imersos em contextos de CGV, mas sobretudo contribuiria, a partir do conhecimento gerado, a difundir, ampliar e reestruturar cadeias globais de valor, uma necessidade evidente do capital, ou dos capitais em processo de mundialização.

Em suma, o tipo de conhecimento gerado poderia dar vantagens auxiliares a capitais individuais na luta concorrencial acirrada, mais e mais internacionalizada, ao informar onde e como atuar e *não atuar*, à medida que, desvelando apropriação de valor ao longo da cadeia, ajudaria a identificar formas de maximizar tal apropriação.

A atratividade e multiplicação de pesquisas na área, em conjunto com sua apropriabilidade para fins da acumulação mundializada de capital, resultou na ascensão dessa temática como categoria de análise *mainstream* para um grande número de organismos internacionais.

Tão cedo como em 1999, pode-se encontrar menções ao assunto de cadeias internacionais em relatórios do Banco Mundial(BANCO MUNDIAL, 1999) . Em 2003, é possível encontrar estudos sobre temática em estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento(PIETROBELLI; RABELLOTTI, 2003) .

No âmbito da ONU, o tema de cadeias já era recorrente desde, ao menos, meados da década de 1990(UNCTAD, 1997) . O termo '*global value chains*' figura em no Relatório de Desenvolvimento Mundial de 2004 (UNCTAD, 2004) , passando a ganhar mais destaque nos anos seguintes(UNCTAD, 2013a) .

Em anos recentes, houve ainda maior difusão da categoria analítica, que pôde ser encontrada, por exemplo, em relatórios da OCDE(OECD, 2007, 2013) , da OMC(ELMS; LOW, 2013) , da FAO(FAO, 2009) , do PNUD(PNUD, 2007) , e até de outras instituições como a OIT(OIT, 2016) .

Em particular, a abordagem de CGV foi difundida crescentemente como uma abordagem em programas, iniciativas ou instituições voltadas para o desenvolvimento.

Nesse contexto, e diante, por um lado, da escassez de críticas radicais à abordagem de cadeias globais de valor e, por outro, do uso acrítico e eclético, sem mediações, dessa noção em análises feitas com base em perspectivas diversas, cumpre proceder à crítica e reconstrução de tal categoria a partir de uma perspectiva marxista, proposta do presente escrito<sup>2</sup>.

Para tal, além desta introdução, dividimos a reflexão em outras tres seções. Na próxima seção, abordamos a origem e desdobramentos do conceito de cadeias globais de valor, destacando sua origem crítica e a transmutação nos marcos de um ideário compatível

---

<sup>2</sup> Este trabalho retoma e aprofunda temas abordados em trabalho precedente do autor.

com uma retomada, em novo terreno, do ideário e ideologia do desenvolvimento, com viés claramente neoinstitucionalista.

Na terceira parte, procedemos à crítica e refundação do conceito, a partir de fundamentos compatíveis com a crítica da economia política. Em particular, partimos do ciclo do capital para tratar a questão, incluindo o capital-dinheiro no delineamento das cadeias, entre outras características redefinidoras. Indicamos três indicadores-chave estruturais para estudos empíricos baseados nessa noção: fluxos de valor, estrutura de propriedade e dimensionamento dos principais capitais em cada cadeia.

Além disso, centramo-nos no diálogo potencialmente fértil entre a noção refundada de CGV, com o aporte de ciclo do capital na economia dependente, de Ruy Mauro Marini, e com as abordagens recentes nos marcos da noção de *padrão de reprodução do capital*. Como exemplo dessa articulação, indicamos a possibilidade de *cadeias agroindustriais dependentes dos extremos*.

Por fim, fecha-se a análise sugerindo lacunas e potencialidades da abordagem proposta.

## **2 Cadeias Globais de Valor – origens do conceito e a retomada da ‘ilusão desenvolvimentista’**

À medida que se aprofundou e se difundiram estudos sobre cadeias produtivas, passaram a dominar enfoques mais estreitos, frente às origens do conceito, quando eram tratados processos mais abstratos e globais.

Não seria correto dizer, em termos rigorosos, que a abordagem de CGV tenha uma origem única. Porém, a nosso modo de ver, dentre as correntes que se uniram nessa abordagem, é possível identificar uma dominante, cuja origem remonta à escola dos sistemas-mundo.

### **1.1 Origens do conceito – Cadeias Produtivas Globais**

Antes de chegar à denominação de “cadeias globais de valor”, tomou forma um enfoque denominado “cadeias produtivas globais” (*global commodity chains*), antecedente direto e principal deste conceito. Tal corrente nutriu-se originariamente da análise dos sistemas-mundo, do debate dependentista, de teorias radicais de desenvolvimento e da economia do desenvolvimento estruturalista.

A herança dessa escola em relação à perspectiva de sistemas-mundo é amplamente reconhecida. O trabalho pioneiro e mais influente dessa abordagem, “Cadeias Produtivas e Capitalismo Global”, editado por Gary Gereffi y Miguel Korzeniewicz em 1994, havia sido fruto, em boa parte, de trabalhos apresentados na décima sexta reunião anual do grupo de pesquisa *PEWS* (Economia Política dos Sistemas-Mundo).

O próprio conceito e reflexões iniciais em termos de “cadeias de mercadorias” (*commodity chains*) aparece, originalmente, em escritos de Wallerstein e Hopkins (1977), quando sugeriam que, em vez de ver o desenvolvimento da economia global como uma sequência em que os mercados nacionais evoluem em direção a um mercado internacional, começássemos de um pressuposto radicalmente distinto:

Concebamos algo que nomearemos, à falta de um termo convencional melhor, ‘cadeias de mercadorias’. O que queremos dizer por tais cadeias é o seguinte: tome-se um item de consumo final e rastreie-se para trás o conjunto de insumos que culminou em dito objeto – as transformações prévias, as matérias-primas, os mecanismos de transporte, a utilização do trabalho em cada um dos processos materiais, os aportes de alimentos para o trabalho. Este conjunto ligado de processos o chamamos de cadeias de mercadorias. Se o bem final fosse, digamos, roupa, a cadeia incluiria a manufatura da roupa, da tela, o cultivo do algodão, assim como a reprodução das forças de trabalho envolvidas nessas atividades produtivas.” (HOPKINS; WALLERSTEIN, 1977, p. 128 tradução própria)

A fonte no debate dependentista<sup>3</sup> e desenvolvimentista revela-se, de maneira mais evidente, na trajetória investigadora prévia de Gereffi, principal expoente da nascente escola. Sua tese doutoral e livro publicado pouco depois, na primeira metade da década de 1980, versavam diretamente sobre **indústria farmacêutica e dependência**, no primeiro caso no México e, em seguida no Terceiro Mundo (em uma ótica próxima às formulações de Cardoso e Falleto, ainda, ressalte-se).

Gereffi (1994) descreveu o marco analítico daquilo a que deu o termo de “cadeias produtivas globais” (CPG). Identificou três dimensões principais das CPG, do ponto de vista metodológico – às que, posteriormente, somou uma quarta:

---

<sup>3</sup> Também poderíamos notar a própria inspiração de escritores como Wallerstein e Arrighi em pensadores dependentistas mais radicais, como ambos atestam em escritos iniciais sobre análises de sistemas-mundo.

1. Estrutura de insumo-produto;
2. Territorialidade, ou configuração geográfica;
3. Estrutura de governança
4. Contexto institucional

As duas primeiras dimensões tomavam-se, com alterações menores, de análises anteriores de cadeias de mercadorias feitas a partir da perspectiva de sistemas-mundo (BORGES, 2015) . Grande ênfase estaria posta no terceiro elemento, que descreveria o processo pelo qual os atores na cadeia exerciam controle sobre outros participantes, e a forma de apropriação por parte das empresas líderes, ou ‘motores da cadeia’, que se apropriariam ou influenciariam a distribuição do valor criado ao longo da cadeia.

Esse marco analítico permitia, de acordo com Gereffi e Korzeniewicz, forjar vínculos macro-micro entre processos que antes se assumia, em geral, como contidos discretamente em unidades locais, nacionais ou globais de análise.

Duas estruturas principais de governança foram identificadas por Gereffi nesses primeiros trabalhos, o que daria nome a dois tipos de CPG: cadeias produtivas conduzidas pelo produtor, por um lado, e conduzidas pelo comprador, por outro.

Os estudos de caso estruturados sob esse prisma se dedicavam a horizontes temporais mais curtos que àqueles de longo prazo desenvolvidos por autores da perspectiva dos sistemas-mundo. Deixava-se de lado, também, crescentemente, dinâmicas estruturais e mais holísticas, para pôr-se o foco em analisar redes de empresas que vinculavam as economias exportadoras periféricas aos mercados globais, particularmente de produtos industriais. Nas palavras de Raikes, Jensen e Ponte:

Gereffi e a maior parte de seus colaboradores estão preocupados especificamente com as cadeias produtivas industriais. Eles têm ignorado amplamente o contexto histórico/cíclico, e se concentram na emergência de um novo sistema manufatureiro global no qual a integração econômica vai além do comércio internacional em matérias-primas e produtos acabados, para incluir a produção centralmente coordenada, mas internacionalmente dispersa, de muitas das

atividades ao longo de cadeias de dadas mercadorias ou produtos manufaturados(RAIKES et al., 2000, p. 393 tradução própria)

Para nossos fins, basta remarcar dois desenvolvimentos-chave para os quais se direcionou grande parte da literatura mais hipertrofiada nessa corrente, e que ajudaria a delinear os contornos do amálgama com outras correntes que viria a ganhar o nome, propriamente, de “cadeias globais de valor”.

De uma parte, a ênfase em estruturas de governança, cada vez mais destacada, seria feita sobre a base de aprofundar, com detalhes, os tipos “não hierárquicos” nem estritamente mercantis de relacionamento entre empresas ao longo da cadeia, quer dizer, as formas que não se refeririam ao controle direto do capital transnacional. É assim que notamos a identificação de formas modulares, relacionais ou cativas de governança(GEREFFI et al., 2005) .

De outra parte, o estreitamento do marco temporal e setorial de análise veio acompanhado da recuperação da ‘ilusão desenvolvimentista’ nesse novo terreno, por meio da noção e meta conhecida como ‘*upgrading*’ nas cadeias de valor. Vejamos esta categoria mais de perto.

## **1.2 A noção de “*upgrading*” e o renascimento de um *desenvolvimentismo míope***

A noção de *upgrading*, indicaria, para um grupo de empresas localizadas em um país que fizesse parte de uma CGV, ou, mais recentemente, para um país em relação às cadeias das quais participa, o trajeto e possibilidade de melhoria de posição na(s) cadeia(s). Definitivamente, esse conceito simbolizava, em outras palavras, uma melhora de condição, ou a “subida de degraus” na cadeia de valor.

Restabelecia-se, em um plano meso ou microeconômico, caráter claramente desenvolvimentista. O “*upgrading*” encarnaria a nova trajetória de desenvolvimento possível, ainda que de maneira mais ou menos implícita de acordo com cada estudo e prescrição, uma vez que formalmente não se tratava mais de uma perspectiva macroeconômica nacional.

O foco predominante em cadeias industriais permitia borrar mais facilmente as limitações evidentes a essa noção, já que tratar-se-ia de obter excelência em determinadas etapas do processo produtivo pelas empresas, além de buscar avançar para

etapas mais avançadas, em cadeias cujas maiores barreiras à entrada pareciam ser tecnológicas ou de aprendizado.

Além disso, figuravam apenas marginalmente uma série de elementos como a estrutura produtiva e as relações de tipo hierárquicas na cadeia, salvo quando muito evidentes no mapeamento de cadeias específicas. Na maioria dos estudos, não era possível notar, para além da identificação de grandes grupos de ETNs, ênfase suficiente no delineamento de tamanhos médios dos capitais em cada setor de maneira comensurável, tampouco na estrutura de propriedade em cada setor. De forma muito interessante, redes de propriedade de capitais não eram muito averiguadas, e fluxos de capital aparentavam conformar parte minoritária dentre as dimensões importantes em cadeias globais de valor.

Abundavam, sim, estudos sobre distintos “arranjos de governança”, em que empresas dominantes, sem necessidade de deter a propriedade ou participação em outras, alcançavam distintas formas e graus de coordenação de etapas nas cadeias produtivas.

É possível intuir que tais características estruturais, pouco ressaltadas, escondem assimetrias maiores que aquelas admitidas pela noção de “*upgrading*”, tanto mais quanto mais agregado o nível analítico em que se situe o objeto de estudo, desde oportunidades para empresas individuais para “oportunidades para economias emergentes” em um contexto acirrado de competição e reestruturação produtiva internacional.

### **3 Crítica e reconstrução desde uma ótica marxista**

O exagero na ênfase em formas de governança intermediárias a que tende a abordagem mais estendida de CGV fica muito evidente quando nos defrontamos com dados mais gerais de comércio internacional e cadeias de valor.

De maneira muito breve, mas suficiente para os objetivos da presente análise, basta revisar as estimativas constantes da Figura 1 para deparar-se com a persistente importância das ETNs, e de fluxos de capital, na determinação do comércio mundial. Apenas 12% do comércio global seria gerado por formas de governança “intermediárias”, se as equiparmos às “formas de participação de ETNs não acionárias” sumarizadas no quinto item do referido gráfico. Por outro lado, cerca de 42% do comércio gerado por ETN no globo constitui comércio intra-firma.

Fig

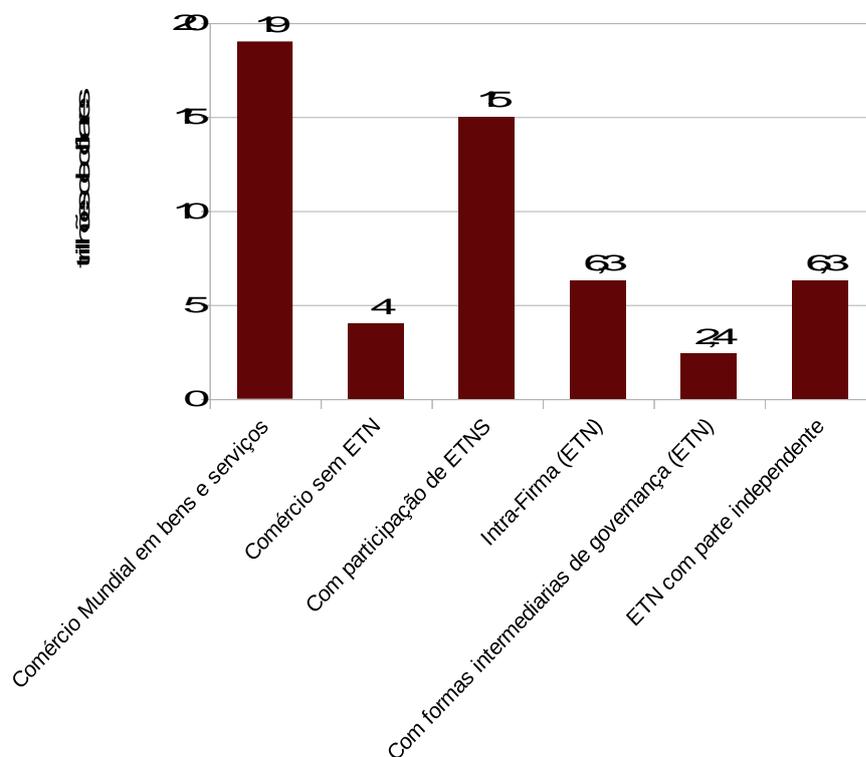


Figura 1: Comércio Mundial por tipo de participação de ETNs – 2010

Transações de ETN sem formas de governança intermediária nem comércio intra firma representariam, também, mais de 40% do total de comércio gerado por ETN. Se considerarmos que posições líquidas de capital (em forma de participação não nula) e fluxos de capital influiriam, razoavelmente, neste tipo de transação, e até mesmo nas transações envolvendo formas de governança intermediária, nota-se que, seguramente, a grande maioria das transações de ETNs é comandada por formas que incluem fluxos de capitais como IED majoritário, minoritário e em carteira.

Tendo esta crítica e as anteriores em mente, passemos a refundar a categoria, partindo da base de categorias marxistas.

Starosta(2007, 2010a) reconecta o estudo concreto de cadeias globais de valor à lei do valor a partir de uma interpretação marxista. Procura, desta forma uma alternativa não baseada em “teorias do capitalismo monopolista” que, em sua opinião, romperiam com a atuação internacional da lei do valor. Sugere que, para explicar a permanência no tempo das estruturas em cadeia – nas quais, supostamente, haveria distintas rentabilidades intersetoriais (já que as empresas dominantes se apropriariam de maiores

lucros) –, seria relevante a noção de “pequenos capitais”, preliminarmente trabalhada por Marx ao tratar de renda da terra. Tal noção foi aplicada de maneira ampla para todo o capital industrial por Carrera(IÑIGO CARRERA, 2007) .

Em resumo, poder-se-ia compreender parte da diferenciação de capitais individuais (e, por fim, aqueles componentes de uma cadeia de valor) pela existência de capitais regulados por uma taxa de valorização em geral inferior à taxa geral de lucro:

Mas em geral, a taxa de valorização dos pequenos capitais em ramos não agrícolas de produção, no geral, é regida pela taxa de juros sobre o valor de liquidação de seus ativos produtivos(Carrera, 2003, p. 124, apud STAROSTA, 2010b, p. 445, tradução própria)

Haveria, assim, uma margem entre “perder a luta competitiva” e sair do mercado, espaço em que a taxa de valorização indicada funcionaria como piso. Essa noção parece ter algum valor, em níveis mais concretos e de capitais individuais, para um estrato de capitais marginal e para períodos de tempo restritos.

Não obstante, é problemática a forma em que Starosta tenta ampliar o papel dessa noção e procura conectá-la com cadeias produtivas. Em síntese, o autor indica que:

De fato, se o preço que regula a valorização dos pequenos capitais é inferior ao preço de produção normal que regula a valorização de capitais médios ou normais, os últimos ficam efetivamente excluídos destes ramos produtivos.(STAROSTA, 2010a, p. 446, tradução própria)

Pequenos capitais, cujos preços de regulação seriam inferiores a preços de produção de “capitais normais”, o que fundaria diferenças de rentabilidades entre setores, e ajudaria a explicar o estabelecimento permanente de cadeias produtivas com apropriação assimétrica de mais-valia. É a partir desse suposto que o autor constrói sua tipologia composta que inclui pequenos capitais, capitais normais e “normais potenciados” , e, inclusive, “capitais produtores de inovação”.

É evidente o problema desse tipo de análise ao romper com suposto de tendências de equalização de taxa de lucro, substituindo o mesmo por uma profusão de casos mais ou menos fortuitos e calcados apenas em explicações concretas ou de difícil generalização. É possível contrastar tal posição, por exemplo, com análises mais robustas de autores como Shaikh(SHAIKH, 2016, p. 67) , em que se reconhecem diferenças setoriais de

taxas de lucro, e atuação dominante da equalização de taxas de lucro para novos investimentos de forma intersetorial<sup>4</sup>.

Uma análise nessa linha deixaria em aberto, complementarmente, a possibilidade de apropriação por capitais dominantes de mais-valia superior à média gerada em outros setores, como poderia ser o caso de cadeias agroindustriais, em que a assimetria dos nós é muito expressiva (como veremos adiante). Como se vê, não é necessário supor a existência de “pequenos capitais” como norma.

De fato, a formação de cadeias de valor não pressuporia, nesses termos, nem mesmo a necessidade de transferências de valor nos termos comumente tratados como os de Starosta. Capitais sujeitos a maior variabilidade de lucros em ciclos poderiam proteger-se na relação com empresas de outros nós da cadeia, abdicando parte de lucros extraordinários potenciais, por exemplo.

Em termos gerais, ainda, o desenvolvimento concreto das forças produtivas, da produção dos distintos valores de uso (PALLOIX, 1978) , também cobrariam relevância. Podem influir em graus de concentração e capacidades de valorização. A centralização de capital intersetorial também conformaria o palco de estruturação de cadeias, como os dados de comércio mundial e ETNs apresentado parecem sugerir.

Assim, em termos mais concretos, um passo fundamental na reconstrução crítica do objeto de cadeias globais de valor consiste em considerar o ciclo do capital – D-M-D'. Impõe-se, marcadamente, incluir o capital portador de juros, como parte do desenho das cadeias. É interessante que mesmo quando invoque pontualmente a noção de capital industrial e comercial(GEREFFI, 1999) , Gereffi mantém fora de dimensão qualquer conexão com a dimensão do “capital a juros” ou demais aspectos financeiros.

A partir de uma análise dessa perspectiva, fluxos de valor, estrutura de propriedade dos capitais e tamanho médio dos principais capitais em cada setor sobressaem como três

---

<sup>4</sup> Ao tratar de capitais reguladores de produção agrícola e mineira, Shaikh indica a possibilidade de lucros maiores do que o lucro médio pelas terras mais rentáveis, e a possibilidade de apropriação pelos capitais ou pelos donos das terras, em maior ou menor grau. Parece igualmente sustentável a possibilidade de apropriação desses lucros de monopólio por capitais de outros nós da cadeia, em um nível mais concreto de análise. Se a concorrência gera, intrasetorialmente, alguma gravitação em torno a tamanhos de capitais que reflitam estruturas de custo com lucros acima da taxa de juros e que impliquem “capitais reguladores” com lucro não permanentemente superior do que a média, intersetorialmente os graus de dispersão de tamanhos de capital são muito maiores.

características estruturais importantíssimas para um mapeamento que permita a apreensão de cadeias de valor enquanto momentos do ciclo de valorização do valor-capital.

É possível obter um apoio empírico auxiliar a partir de dados de insumo-produto, e dados auxiliares de ativos fixos reais por setor, para se aproximar a essas características estruturais para cada nó, reflexo da dinâmica da centralização de capitais assimétrica e intersetorial.

Outra sugestão importante é identificada por Talbot:

A maior parte das análises de cadeias até o presente concentraram-se em analisar os fluxos de mercadorias. Porém, a medição de fluxos de dinheiro ao longo da cadeia, quanto é localizado nos diferentes nós, e como essa quantidade é dividida entre a compensação dos fatores de produção [*sic*] e os lucros, é uma das tarefas mais importantes da análise de cadeias produtivas. (TALBOT, 2009, p. 103–104, tradução própria)

Trazendo tal sugestão para nosso campo de análise, os fluxos de valor, taxas de lucro e de exploração – ou mesmo presença de superexploração – nos distintos setores ajudariam a compor um cenário mais amplo da relação inter nodal em que os capitais de distintos setores se enfrentam em cada cadeia. Além disso, o grau e extensão dos fluxos de capital, além da análise de fluxos de geração e apropriação de valor, permitiriam complementar o panorama sobre a estrutura de propriedade em uma cadeia, já que a forma intra-firma, ou calcada nesse tipo de fluxo, permanece como a mais relevante nas trocas internacionais envolvendo ETNs e suas cadeias produtivas. Em síntese, tratar-se-ia de dar corpo a elementos da estrutura econômica das cadeias, reduzida e marginalizada impropriamente na análise tradicional de CGV.

Além desses elementos específicos para a cadeia em si, uma análise propriamente da economia política das cadeias de valor requer relacionar a evolução da cadeia à mundialização do capital nos distintos nós que a compõe, e ao movimento de ampliação do capital fictício e suas formas<sup>5</sup>.

### **1.3 Cadeias Globais de Valor e Padrão de Reprodução do Capital**

---

<sup>5</sup> Para tratamento mais detido desta dimensão, ver Borges(BORGES, 2015)

Marini retomava como essencial o ciclo do capital nas economias dependentes, forma que pode se plenamente incorporada no estudo de cadeias globais de valor, caso se escolha o ponto de vista regional ou nacional de determinada cadeia global de valor, ou, em outros termos, o desdobramento de cadeias globais de valor na estrutura dos capitais que, em determinado país ou região, participam de tal cadeia.

A reconstrução proposta implica ver a acumulação de capital na produção das distintas mercadorias finais em cadeias, plasmadas na produção local, e sua relevância sobressai ao aplicar-se para a produção de mercadorias importantes em um contexto nacional ou regional.

A noção de padrão de reprodução, localizada em um nível de concreção maior, parece o âmbito mais adequado de inserção de análises também concretas de cadeias produtivas. Osório, um dos autores que mais vem avançando no desenvolvimento da concepção de padrão de reprodução de capital, efetivamente, destaca:

Digamos de maneira apertada que (...) quando a economia política marxista se coloca o problema da reprodução do capital, suas formulações se realizam desde um nível de abstração onde o valor é o que se destaca, em desmerecimento do valor de uso no qual aquele encarna. Explicar a reprodução em maiores níveis de concretude implica integrar essas duas dimensões, pois os processos que derivam da produção de valores de uso específicos na valorização do capital são diferenciados. Não é o mesmo acumular capital produzindo canhões, que produzindo salsichas. (OSORIO, 2014, p. 19, tradução própria)

Mais especificamente, encontra-se menção a cadeias produtivas globais por esse autor, em termos mais amplos, em passagens como:

Com o surgimento de cadeias produtivas globais a finais do século XX e a segmentação dos processos produtivos (...) as possibilidades de processos industriais controlados a partir das economias dependentes se afastou ainda mais. (OSORIO, 2014, p. 30–31, tradução própria)

Ou:

As cadeias produtivas globais conformam, a seu turno, cadeias de subcontratações nas que progressivamente se perdem direitos trabalhistas e se deterioram as condições de trabalho e vida para os trabalhadores. A subcontratação permite ao

capital redobrar a exploração do trabalho e dispor, inclusive, de formas escravistas de exploração de crianças, jovens e mulheres.(OSORIO, 2009, p. 214, tradução própria)

E em termos específicos, ao sugerir forma operativa de como estudar um padrão de reprodução de capital, propõe explicitamente, quanto às mercadorias e valores de uso centrais para economias dependentes, destacar “vínculos do processo [produtivo] com as cadeias produtivas globais” (ibid, p. 35).

Em termos mais concretos, indicaremos o caso de cadeias agroindustriais dependentes dos extremos a partir de dados obtidos sobre a produção de etanol.

#### **1.4 Cadeias agroindustriais dependentes dos extremos – o caso do etanol**

A análise do tamanho médio de distintos capitais revela, para o caso de cadeias agroindustriais como a de cana de açúcar, e seu fio produtivo de etanol no Brasil, assimetrias profundas. A tabela abaixo mostra como um dos principais capitais bancários com atuação no Brasil<sup>6</sup> é dezenas de vezes maior do que o capital equivalente que atuasse no setor de usinas de etanol no período próximo a 2010.

Por outro lado, se estimativas de participação estrangeira exclusivamente na produção de etanol no Brasil, em 2010, indicariam um grau de desnacionalização de pouco menos de 30% do setor, estimativas próprias do fio produtivo completo dessa mercadoria mostram um grau de desnacionalização que, em 2010, já estaria próximo de 60%(BORGES, 2015) .

Além dos capitais mais concentrados, participantes de outros nós da cadeia de cana, apresentarem índices de desnacionalização bastante superiores aos das usinas (salvo no caso do sistema bancário, que conta com forte presença e intervenção estatal), o formato da cadeia de cana, inferido a partir da produção de etanol, é claramente de capitais agigantados que acaparam elementos-chave antes da etapa central produtiva – capitais bancários, ferramentas e máquinas agrícolas, capitais da agroquímica, revendedores de derivados de petróleo e *traders* – nos extremos da cadeia. Mesmo supondo uma apropriação de valor simétrica ao longo da cadeia, isso implicaria em forte suporte à

---

<sup>6</sup> Os principais capitais bancários brasileiros são significativamente menores, na média que seus concorrentes em outras partes do mundo(BORGES, 2015) .

hipótese de uma cadeia dependente dos extremos, e mostra como, potencialmente, mais-valia gerada ao longo do processo produtivo não seria retida no país, a considerar estimativas internacionais de que cerca de dois terços dos lucros seriam repatriados(UNCTAD, 2013a) .

Tabela 1: Capital fixo dos capitais individuais mais importantes na produção de etanol no Brasil, por nó – 2010

Nó – Grupo de Capitais	2007-2010 (US\$ bi)	n.	Quota de Mercado (%)
Bancos	60,0	5	64
Mudas/ Biotecnologia	3,5	5	100
Agroquímicos	69,4	4	53
Máquinas Agrícolas	15,3	4	50
Cultivo de Cana*	1,0	-	-
Máquinas Industriais	0,7	3	53
Ins umos Industriais	5,0		
Usinas e Destilarias	1,8	5	34
Distribuidoras	117,3	4	80
Revenda	6,1		46
Traders Internacionais	90,0	4	75
Traders de açúcar e etanc	46,5	4	50
Receitas totais (Estado)**	600,0	-	-

Fonte: (BORGES, 2015) . \* Dividido ainda que a maior parte de terras de cultivo sejam próprias das Usinas; \*\*comparação figurativa com a carga tributária do Estado brasileiro

Ainda que possa aparentar ser uma análise em terreno demasiado desagregado, importa destacar, para o caso brasileiro, ao menos, que em torno a cinquenta de mercadorias representam quase a metade da receita de vendas total no país, de acordo com dados do IBGE. Como parte dessas mercadorias são produzidas nas mesmas cadeias – como o caso de açúcar e etanol – ou em cadeias que se cruzam – como o caso de gasolina e etanol, seria possível conseguir uma análise ao mesmo tempo muito concreta mas representativa de eixos de acumulação de uma formação social dependente como a brasileira.

## 4 Considerações Finais

Ficou demonstrada a possibilidade de reconstruir o objeto de análise de cadeias globais de valor sob uma ótica marxista, bem como sua relevância concreta, em particular para caracterizar padrões de reprodução do capital, a partir de um exemplo concreto da produção de etanol no Brasil.

Por outro lado, é evidente que resta um esforço teórico relevante, para buscar compreender melhor a relação de cadeias globais de valor com a lei do valor em terreno internacional, com a determinação concreta plausível de transferências intersetoriais.

Por fim, o estudo de outras cadeias centrais para formações dependentes, e a busca de obter dados de mais formações sociais dependentes próximas, certamente ajudaria a elucidar mais a reprodução do capital na região.

## Bibliografia

BAIR, J. **Frontiers of Commodity Chain Research**. Stanford, California: Stanford University Press, 2009.

BANCO MUNDIAL. **Entering the 21st Century World Development Report 1999/2000**. 1999.

BORGES, R. E. S. **Financiarización, Cadenas Globales de Valor e Inversión Extranjera en la producción de etanol en Brasil a partir de la liberalización de la agroindustria. Una interpretación marxista del periodo de 1990 a 2010**, 2015. Universidad Complutense de Madrid.

ELMS, D. K.; LOW, P. **Global value chains in a changing world**. 2013.

FAO. Module 1 – Agrofood systems and chains. **Course on agribusiness management for producers' associations**, 2009. Disponível em: <<ftp://ftp.fao.org/docrep/fao/011/i0499e/i0499e01.pdf>>. .

GEREFFI, G. A Commodity Chains Framework for Analyzing Global Industries. , p. 1–9, 1999.

GEREFFI, G.; HUMPHREY, J.; STURGEON, T. The governance of global value chains. **Review of International Political Economy**, v. 12, n. February, p. 78–104, 2005.

- HOPKINS, T. K.; WALLERSTEIN, I. Patterns of development of the modern world-system. **Review (Fernand Braudel Center)**, p. 111–145, 1977. JSTOR.
- IÑIGO CARRERA, J. La formación económica de la sociedad argentina. , p. 320, 2007.
- OECD. Moving Up the Value Chain: Staying Competitive in the Global Economy. , p. 1–27, 2007.
- OECD. Interconnected Economies Benefiting from Global Value Chains: Benefiting from Global Value Chains. , p. 269, 2013. Disponible em: <<http://books.google.com/books?id=efa9AAAAQBAJ&pgis=1>>. .
- OIT. **World Employment and Social Outlook**. 2016.
- OSORIO, J. **Explotación redoblada y actualidad de la revolución**. ITACA, 2009.
- OSORIO, J. La noción patrón de reproducción del capital. , p. 17–36, 2014.
- PALLOIX, C. **La internacionalización del capital**. Madrid: H. Blume, 1978.
- PIETROBELLI, C.; RABELLOTTI, R. **Upgrading in Clusters and Value Chains in Latin America: The Role of Public Policies**. 2003.
- PNUD, P. D. L. N. U. P. E. D. **Making Globalization Work for the Least Developed Countries**. 2007.
- RAIKES, P.; JENSEN, M. F.; PONTE, S. Global commodity chain analysis and the French filière approach: comparison and critique. **Economy and Society**, v. 29, n. 3, p. 390–417, 2000. Disponible em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03085140050084589>>. .
- SHAIKH, A. **Capitalism. Competition, Conflict, Crisis**. 2016.
- STAROSTA, G. Global commodity chains or global production of surplus value? On the content and forms of contemporary capitalist competition on a world scale. **Congreso Marx International V**, p. 1–44, 2007.
- STAROSTA, G. The Outsourcing of Manufacturing and the Rise of Giant Global Contractors: A Marxian Approach to Some Recent Transformations of Global Value Chains. **New Political Economy**, v. 15, n. September 2014, p. 543–563, 2010a.
- STAROSTA, G. Global commodity chains and the Marxian law of value. **Antipode**, v. 42, n. 2, p. 433–465, 2010b. Disponible em: <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-8330.2009.00753.x>>. .
- TALBOT, J. The comparative advantages of tropical commodity chain analysis. **Frontiers of commodity chain research**. p.93–109, 2009. Stanford University Press Stanford, CA.

**UNCTAD. World investment report, 1997: Transnational corporations, market structure and competition policy. 1997.**

**UNCTAD. World Investment Report 2004: The Shift Towards Services. 2004.**

**UNCTAD. World Investment Report 2013: Global Value Chains: Investment and Trade for Development. 2013a.**

**UNCTAD. Global Value Chains and Development: Investment and Value Added**